**A INVENÇÃO DOS SUL-AMERICANOS:**

**A COMUNIDADE IMAGINADA NA AMÉRICA DO SUL**

LA INVENCIÓN DE LOS SUDAMERICANOS:

LA COMUNIDAD IMAGINADA EN AMÉRICA DEL SUR

THE INVENTION OF SOUTH AMERICANS:

THE IMAGINATED COMMUNITY IN SOUTH AMERICA

**Resumo:** A pesquisa tem como finalidade verificar se existe uma comunidade imaginada entre os sul-americanos, fundada numa consciência de grupo que transcenda as fronteiras nacionais. Há dúvidas quanto à identificação dos sul-americanos em relação aos projetos de integração regional. Muitos sequer conhecem as instituições sul-americanas, como o MERCOSUL e a UNASUL. Será aqui analisada a viabilidade de se forjar uma identidade transnacional sul-americana, sem prejuízo para as identidades nacionais predominantes.

Palavras-chave: América do Sul; integração regional; identidade transnacional.

**Resumen:** La investigación tiene la meta de verificar si existe una comunidad imaginada entre los sudamericanos, fundada en una conciencia de grupo que trasciende las fronteras nacionales. Hay dudas sobre la identificación de los sudamericanos con los proyectos de integración regional. Muchos ni siquiera conocen las instituciones sudamericanas, como el MERCOSUR y el UNASUR. En este artículo, se analizará la viabilidad de forjar una identidad sudamericana, sin perjuicio para las identidades nacionales predominantes.

Palabras clave: América del Sur; integración regional; identidad transnacional.

**Abstract:** This article will attempt to verify if there is an imagined community among South Americans, based on a group consciousness that transcends national boundaries. There are doubts about the identification of South Americans with regional integration projects. Many are not even aware of South American regional institutions such as MERCOSUR and UNASUR. The viability of forging a South American transnational identity will be analysed, without prejudice to predominant national identities.

Keywords: South America; regional integration; transnational identity.

Sumário

[**1 - Introdução** 4](#_Toc514408597)

[**2 - Os sul-americanos: população e fluxos transfronteiriços** 5](#_Toc514408598)

[**3 - Existe uma comunidade imaginada na América do Sul?** 9](#_Toc514408599)

[**4 - Latinobarómetro e opinião pública: quem são os sul-americanos?** 15](#_Toc514408600)

[**5- Identidade transnacional** 18](#_Toc514408601)

[**6 - A visibilidade das instituições sul-americanas** 20](#_Toc514408602)

[**7 - Conclusões** 23](#_Toc514408603)

[**8 - Referências bibliográficas** 27](#_Toc514408604)

# **1 - Introdução**

Comunidades imaginadas são grupos – de maior ou menor extensão – em que os membros não conhecem uns aos outros na sua totalidade, embora tenham consciência de que pertencem à mesma coletividade (ANDERSON, 1983). Benedict Anderson defende que as nações são exemplos ideais de comunidades imaginadas. Um carioca compartilha a mesma identidade nacional de um paulistano, ainda que nunca se conheçam. O mesmo acontece entre um argentino de Mendoza e outro de Buenos Aires; ou entre um boliviano de Santa Cruz e outro de La Paz; e assim por diante. Nações são comunidades imaginadas, nas quais os nacionais compartilham uma mesma identidade coletiva. Por analogia, o raciocínio também pode ser aplicado às regiões, como a América Latina e a América do Sul. Não é raro referir-se a uma pessoa como latino ou sul-americano, normalmente por comparação aos que não nasceram aqui na região e que, por isso, não compartilham essas identidades. Nessa perspectiva, as regiões – assim como as nações – também podem ser comunidades imaginadas, ainda que com menor identificação do que os nacionalismos.

Nacionalismos e regionalismos são ambos fenômenos historicamente construídos por intelectuais e agentes governamentais, com efeitos que reverberam sobre o imaginário das pessoas. Se é verdade que a identidade latino-americana é bastante disseminada pelos países da América Latina – a exceção dos brasileiros, cuja maioria não compartilha essa identidade (ONUKI, MOURON e URDINEZ, 2016) –, há dúvidas quanto à existência de uma suposta identidade transnacional entre sul-americanos que transcenda as identidades nacionais predominantes na região. Neste artigo, busca-se resposta para essa pergunta de pesquisa: existe uma comunidade imaginada entre sul-americanos? A hipótese é a de que essa identidade transnacional não existe.

# **2 - Os sul-americanos: população e fluxos transfronteiriços**

O *Worldometers* estima que a população total da América do Sul gire em torno de 427 milhões de pessoas, em 2018[[1]](#footnote-1). Os sul-americanos hoje correspondem a cerca de 5,6% da população mundial. Entre os 427 milhões de sul-americanos, a média de idade regional é de 30 anos. Em 1990, a população sul-americana era de aproximadamente 300 milhões de pessoas. Estima-se que, até 2045, essa cifra ultrapasse 500 milhões de pessoas[[2]](#footnote-2). Em 2045, a média de idade na região tende a girar em torno de 41 anos, bem superior à atual.

Nos últimos anos, tem aumentado consideravelmente o fluxo migratório entre os países sul-americanos. Em termos quantitativos, Argentina, Chile, Colômbia e Brasil são os destinos mais atrativos para os imigrantes sul-americanos. De acordo com os dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM), o Brasil acolhe em torno de 700.000 imigrantes estrangeiros, dos quais 30% são sul-americanos[[3]](#footnote-3), particularmente paraguaios, bolivianos, argentinos e venezuelanos. Na Colômbia, estima-se que, nos últimos vinte anos, 900.000 venezuelanos migraram para a Colômbia, o que inclui os colombianos que haviam migrado para a Venezuela em razão dos conflitos com grupos guerrilheiros, ali obtendo dupla nacionalidade; mas que, nos últimos anos, retornaram à Colômbia[[4]](#footnote-4). No Peru, estima-se que 100.000 venezuelanos tenham ingressado[[5]](#footnote-5). A Argentina acolhe mais de 2 milhões de estrangeiros, dos quais 80% são sul-americanos, sobretudo paraguaios, bolivianos, chilenos e peruanos[[6]](#footnote-6). O Chile acolhe 500.000 imigrantes estrangeiros, dentre os quais 75% são sul-americanos, particularmente peruanos e argentinos[[7]](#footnote-7). A partir desses dados, verifica-se a relevância das migrações sul-americanas, um dos mais relevantes fenômenos transnacionais na região.

Crescente tem sido também o fluxo de turistas sul-americanos viajando por outros países da América do Sul. Cidades como Buenos Aires, Rio de Janeiro, Santiago, Lima, Montevidéu e Bogotá são destinos tradicionais de um turismo cada vez mais praticado pelos próprios sul-americanos, aos quais se somam lugares recentemente incorporados aos circuitos turísticos internacionais, tais como La Paz, Quito, Cusco, Macchu Picchu, El Calafate, Torres del Paine, Bariloche, Mar del Plata, Ilha de Páscoa, Punta del Este, Florianópolis, Foz do Iguaçú, Pantanal, Fernando de Noronha, San Pedro de Atacama, Salta, Salar do Uyuni, Ilhas Galápagos, Lago Titicaca, Cartagena, Mendoza, Colônia do Sacramento, Ushuaia, Curaçao, entre vários outros lugares. No Brasil, companhias aéreas estão ampliando a oferta de voos para destinos na América do Sul visando a atender uma maior demanda por turismo regional. A recíproca também é verdadeira: o Brasil é um destino turístico cada vez mais comum para os sul-americanos. Do total de 6,5 milhões de chegadas de turistas ao Brasil, em 2016, O Ministério do Turismo[[8]](#footnote-8) registra que 3,7 milhões vieram de outros países sul-americanos vizinhos, o que equivale a 56,7% do total de turistas estrangeiros no país. Os argentinos são os que mais visitaram o Brasil em 2016 – 34,8% do total de turistas estrangeiros visitando o Brasil. Na sequência, aparecem os norte-americanos (8,6%), paraguaios (4,8%), chilenos (4,7%) e uruguaios (4,3%). É interessante fazer uma comparação desses dados – de 2016 – com os dados de 2004, ano em que, dos 4,8 milhões de estrangeiros que visitaram o Brasil, 1,8 milhões foram sul-americanos: 38,1% do total de turistas estrangeiros, por comparação aos 56,7% de 2016. Nesse sentido, é muito considerável o aumento percentual dos sul-americanos visitando o Brasil para fins de turismo ao longo deste período. Em 2004, os argentinos foram 19,2% do total de turistas estrangeiros no Brasil, em comparação aos atuais 34,8%. De acordo com a Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), o Brasil recebeu 1.127 voos semanais oriundos do exterior no mês de março de 2017, dos quais 556 voos semanais tiveram como origem algum país da América do Sul (49,3%); 216 voos vieram da América do Norte (19,1%); e 215 voos da Europa (19,0%), retratando a relevância dos sul-americanos para o turismo no Brasil[[9]](#footnote-9). Na via inversa, o Ministério do Turismo indica que a América do Sul representa 39% da demanda dos brasileiros por turismo internacional (os EUA representam 24%), em 2016. Ou seja, há mais brasileiros saindo do Brasil para visitar outro país sul-americano do que os EUA, tradicional destino turístico para os brasileiros. Verifica-se, assim, um considerável aumento dos fluxos transfronteiriços na América do Sul, seja para fins de migração ou turismo.

Na medida em que os sul-americanos intensifiquem o cruzamento das fronteiras e passem a conhecer mais uns aos outros, esses indivíduos em interação tendem a revelar, entre si, pontos de convergência e divergência, ficando sujeitos a influências recíprocas, daí emergindo possivelmente um sentido de coletividade. Para Georg Simmel, a interação entre pessoas é um pressuposto básico para a construção comunitária. Em tese, é possível olhar os sul-americanos como uma hipotética comunidade. Os fluxos de migração intrarregional e de turismo fortalecem os vínculos subjetivos entre os sul-americanos, o que possibilita a construção de um imaginário coletivo entre as pessoas. Em síntese, os contatos entre os sul-americanos tendem a gerar interdependência entre os mesmos. E, como observa Alexander Wendt, “a interdependência é um fator que contribui para a construção de identidades coletivas” (WENDT, 1994, p. 389).

# **3 - Existe uma comunidade imaginada na América do Sul?**

Na literatura sobre a integração sul-americana, a construção identitária é elemento ainda pouco estudado. Em princípio, não há uma identidade coletiva compartilhada entre os sul-americanos. É incomum encontrar alguém que se identifique como sul-americano, já que a distinção identitária que prevalece na América do Sul, assim como na maior parte do mundo, está relacionada ao nacionalismo. Antes de se enxergar como sul-americano, a maioria dos que residem na América do Sul se identificam como argentinos, brasileiros, colombianos, uruguaios, etc. Pesquisas de opinião pública comprovam essa constatação, conforme será analisado mais adiante. Não obstante essa consideração preliminar, nada impede a construção de novas identificações coletivas para novos níveis políticos.

Identidades coletivas são construídas por meio de interações entre os indivíduos, e entre o indivíduo e a sociedade em que está inserido (BERGER e LUCKMANN, 1991, p. 195). A sociologia oferece ferramentas valiosas para o debate sobre a construção social. Peter Berger e Thomas Luckmann demonstram como as comunidades são construídas a partir de dois caminhos entrecruzados: a realidade objetiva, pautada por interações sociais e pelas instituições que conferem forma à essa socialização; e a realidade subjetiva, que é pautada pela internalização das estruturas sociais na mentalidade das pessoas, ou seja, a forma pela qual as pessoas pensam sobre a sociedade em que estão inseridas. Conceitos como interacionismo simbólico – os seres humanos agem orientados por significados – e universo simbólico – forma como os fenômenos sociais são mentalizados e interpretados pelas pessoas – podem ser aplicados nos estudos de formação das identidades coletivas, aqui, em particular, a hipotética identidade transnacional sul-americana.

É oportuno referir-se a Benedict Anderson, que define o conceito de nação como uma comunidade imaginada. “Imaginada” porque os membros dessa coletividade não se conhecem e jamais irão se conhecer em sua totalidade, embora compartilhem a percepção de que participam de uma mesma comunidade (ANDERSON, 1983). Para Anderson, o nacionalismo “não é a tomada de consciência das nações; é a invenção das nações onde elas não existem” (ANDERSON, 1983, p. 6).

Iver Neumann associou, por analogia, essa construção da nação (*nation-building*), a que se refere Anderson, com a construção de regiões (*region-bulding*), que também são comunidades imaginadas. Iver Neumann sustenta que “it is a largely neglected fact in the literature that regions are also imagined communities” (NEUMANN, 2003, p. 161). Iver Neumann explica que o processo de “*region-building*”, em regra, implica o que ele chama de “franqueamento das fronteiras soberanas” com vistas a uma integração transfronteiriça entre países vizinhos – como é o caso da União Europeia –, embora não cause a supressão legal das fronteiras entre os países; o “*nation-building*”, por sua vez, implica a unificação territorial do Estado em torno de fronteiras delimitadas.

O raciocínio de Iver Neumann foi utilizado por Flávia Cavalcanti, que, tomando como base a UNASUL, propôs a seguinte pesquisa: “poderíamos falar da existência de uma ´comunidade imaginada`?” (CAVALCANTI, 2013). Flávia Cavalcanti concluiu que “A UNASUL não é exatamente uma comunidade imaginada nos moldes pensados por Anderson, o que, longe de significar um problema ou uma falha, nos permite pensá-la como um espaço de experimentação” (IDEM, p. 162). Nessa lógica de experimentação, parece ser pertinente aprofundar um pouco mais o assunto iniciado pela pesquisadora.

Benedict Anderson sustenta que a construção da nação não é um processo natural, pois pressupõe iniciação e organização política sustentada pelo governo. O raciocínio se aplica também para os processos de construção regional, como a União Europeia ou, no caso em análise, os mecanismos de integração na América do Sul. A Europa testemunha uma possível crise de identidade regional, ao que se soma o revigoramento de identidades nacionais, por vezes radicalizadas. De forma concomitante, países europeus testemunham um processo de fragmentação do nacionalismo, por meio dos regionalismos separatistas – ou “micronacionalismos” – como a Catalunha, por exemplo. São múltiplos movimentos entrecruzados que operam de forma não homogênea em cada ponto do território europeu. Esses movimentos – como o fortalecimento ou o enfraquecimento dos nacionalismos, dos regionalismos, dos localismos, etc. – são erráticos, por vezes imprevisíveis, uma vez que resultam de associações simbólicas e vinculações subjetivas na mentalidade das pessoas, fenômenos sujeitos a ressignificações contínuas. Na América do Sul, igualmente, há um entrecruzamento de identidades coletivas variadas, tais como os nacionalismos, o latino-americanismo e outras identidades transnacionais, como a caribenha e a andina, além de identidades de matrizes religiosas, políticas, entre outras múltiplas possibilidades. E nada impede a invenção de novas identidades coletivas relacionadas a significados específicos.

Identificação coletiva é uma variável essencial na teoria da integração (WENDT, 1994, p. 384), uma vez que, sem mudanças identitárias entre os participantes do processo de integração regional, o máximo que se pode esperar é um comportamento cooperativo dos Estados, mas sem, necessariamente, a formação de uma comunidade. Wendt sustenta a possibilidade de construção de identidades e interesses coletivos, embora reconheça que os “states remain jealous of their sovereignty and so many resist collective identification*”* (IDEM, p. 385). Nessa lógica de movimentos identitários entrecruzados, Wendt percebe o potencial transformador de novas identidades regionais. A emergência de “international states”, expressão que ele utiliza para se referir a blocos de integração regional, representa uma transformação estrutural do sistema westfaliano de Estados (IDEM, p. 385). O ritmo dessa transformação estrutural depende da força e da capacidade de influência das novas identificações coletivas, em contraposição à resistência dos nacionalismos.

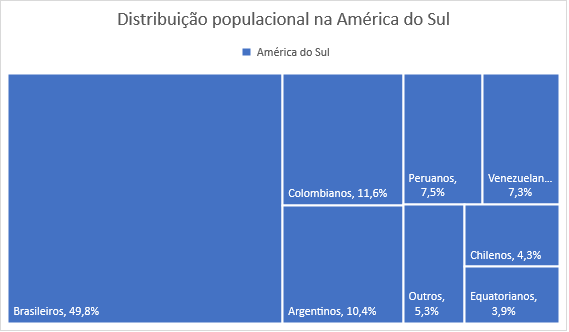
Nacionalidades são inventadas, construídas e imaginadas; e assim também são as demais identificações coletivas – subnacionais, internacionais ou supranacionais. Isso nos leva à pergunta: a América do Sul pode ser concebida como uma comunidade imaginada? A resposta é sim, ela pode – embora, numa primeira análise, essa comunidade ainda não exista. Hoje, não há elementos que comprovem que essa comunidade imaginada exista, embora sua construção seja possível. A construção de uma comunidade imaginada não se refere apenas à criação de um aparato institucional comum – MERCOSUL e UNASUL, por exemplo –, por si só insuficiente; pressupõe, também, o desenvolvimento de alguma percepção de grupo. Embora construir uma identidade coletiva não seja imprescindível para a integração sul-americana, a existência dessa identidade ampliaria a disposição dos atores em agir em prol de interesses coletivos, o que, segundo Wendt, é uma criação de novas definições de si mesmo (IDEM, p. 387). Em relação aos nacionalismos, Alexander Wendt afirma que “their strength varies historically and often leaves room for collective identity formation*”* (IDEM). Interesses e associações de matriz subjetiva – subnacionais, nacionais, transnacionais – são socialmente construídos.

E como conciliar múltiplas identidades que coexistem no tempo e no espaço? Um cidadão alemão de Munique pode se autoconsiderar bávaro, católico, alemão, europeu e ocidental e, ao mesmo tempo, ser fanático por um clube de futebol, sem que uma dessas identidades suplante a outra, ainda que uma possa prevalecer em um dado momento ou situação em que o cidadão seja colocado. Por analogia, o raciocínio pode ser transplantado para um cidadão da América do Sul: nada impede que uma pessoa do Rio de Janeiro se identifique, simultaneamente, como carioca, brasileiro, sul-americano, latino-americano e cidadão do mundo, sem prejuízo de outras formas de identidade de matrizes religiosas, esportivas ou afins. As identidades podem coexistir, complementar e enriquecer umas às outras. A esse respeito escreveu Amin Maalouf que, perguntado se era “metade francês e metade libanês”, respondeu que “a identidade não se fragmenta, ela não se reparte nem em metades ou em terços (..) eu não tenho várias identidades, tenho apenas uma (..) feita de todos os elementos que me influenciam de maneira particular, e que nunca é a mesma maneira de uma pessoa para a outra” (MAALOUF, 1998, p. 8). Cada pessoa possui, no seu foro mais íntimo, pertencimentos múltiplos que, na perspectiva de Amin Maalouf, lhes conferem posições “privilegiadas” no mundo – ao pertencer a diversos grupos, as pessoas cujas identidades são constituídas por múltiplas associações e pertencimentos subjetivos agem como mediadoras entre as diversas culturas e comunidades, contribuindo para combater o que ele chama de “concepção estrita, exclusivista, intolerante, que reduz a identidade a um só pertencimento, por vezes proclamada com ódio” (IDEM, p. 11).

Além disso, as identidades nacionais podem não ser eternas. São formadas a partir de forças de coesão que legitimam as organizações políticas sobre elas sustentadas. Nada impede, contudo, que novas forças de coesão as substituam, ou que junto a elas coexistam. A formação e o desenvolvimento de identidades coletivas tendem a ser processos graduais e inacabados, além de sujeitos a reorientações e reinterpretações subjetivas. As forças que sustentam os nacionalismos se manifestam com maior ou menor intensidade ao longo da história, abrindo ou fechando brechas para que surjam identidades alternativas. Sobre o assunto, Wendt adota um tom realista ao reconhecer que a formação de novas identidades coletivas no sistema internacional enfrenta “powerful countervailing forces” (WENDT, 1994, p. 391), em particular devido à força historicamente construída dos nacionalismos.

Na América do Sul, a formação de uma comunidade – em uma perspectiva social, para além da política – ainda é incipiente, sobretudo porque os mecanismos de integração foram aqui iniciados somente na década de 1980 e a maioria da população residente pouco ou nada se envolve com a agenda de integração regional[[10]](#footnote-10). A formação de redes de contato transfronteiriços ou transnacionais entre os sul-americanos ainda é muito tímida, embora tenham ocorrido alguns avanços, em particular no âmbito do MERCOSUL. Paulo Velasco analisou a hipótese de emergência de uma “sociedade civil mercosulina”, reconhecendo que “a interpenetração de diferentes povos leva a um intercâmbio cultural que contribui tanto para o aprendizado das culturas entre si quanto para o seu fortalecimento enquanto comunidade de valores locais” (VELASCO JÚNIOR, 2013, p. 66). Conclui, no entanto, que “o MERCOSUL ainda reflete uma lógica fortemente nacional, produto da orientação intergovernamental adotada desde o Tratado de Assunção” (IDEM, p. 123), sugerindo que interesses nacionais predominam sobre a eventual identidade mercosulina. A ausência de representatividade de setores da sociedade civil no processo decisório do MERCOSUL e a falta de transparência e *accountability* pelas autoridades são falhas que Velasco percebe na integração sul-americana, o que constitui um obstáculo ao desenvolvimento de uma comunidade imaginada transnacional.

# **4 - Latinobarómetro e opinião pública: quem são os sul-americanos?**

O *Latinobarómetro* é um instituto privado que reúne pesquisas de opinião pública pelos países da América Latina. Neste artigo, serão consideradas as opiniões públicas dos sul-americanos, particularmente. A população brasileira representa em torno de 50% dos sul-americanos, de modo que as opiniões dos brasileiros influenciam consideravelmente a opinião geral dos sul-americanos, considerados em conjunto. Inversamente, a população uruguaia compõe menos de 1% dos sul-americanos. As opiniões dos uruguaios, por mais relevantes que sejam para ilustrar aspectos da identidade nacional, pouco influenciam a opinião geral dos sul-americanos. Respeitar essa proporcionalidade é essencial para traçar linhas gerais de pensamento dos sul-americanos, considerados como uma coletividade. A população da América do Sul é de 427 milhões, conforme já mencionado, cuja metade são brasileiros. Colombianos e argentinos aparecem na sequência. Eis o gráfico:

Fonte: CEPAL[[11]](#footnote-11)

Estima-se que 993 diferentes línguas sejam faladas no continente americano[[12]](#footnote-12), tais como inglês, francês, espanhol, português, holandês, além de línguas nativas e indígenas, como Quechua, Aymara e Guarani, dentre outras. Na América do Sul, 47,3% das pessoas têm o espanhol como idioma materno; a população brasileira, em sua grande maioria, tem o português como língua materna; e aproximadamente 8 milhões de sul-americanos têm uma língua indígena como idioma de nascimento, entre as quais a maioria são peruanos, paraguaios ou bolivianos. O gráfico ilustra a divisão linguística na América do Sul.

Fonte: Latinobarómetro*[[13]](#footnote-13)*

A diversidade linguística não é empecilho à integração regional e à conformação de uma identidade coletiva. A União Europeia, vale dizer, é marcada pelo multilinguismo – 24 línguas oficiais e mais de 60 línguas regionais ou minoritárias, como o basco, galês e catalão –, o que não impede a conformação de um mercado comum, com livre trânsito de pessoas e, no limite, a formação de uma identidade coletiva transnacional.

O *Latinobarómetro* apresenta dados sobre a ideologia partidária dos entrevistados, numa escala entre a esquerda e a direita. Os dados sugerem que há um equilíbrio entre os sul-americanos que se declaram de “esquerda”, “centro” ou “direita”, politicamente, com ligeiro predomínio dos que se declaram de “direita”. Há, entre os sul-americanos, certo pluralismo ideológico, o que pode resultar em conflitos de opiniões e fomentar mudanças contínuas de governo nos países. O gráfico abaixo ilustra essa situação.

Fonte: Latinobarómetro*[[14]](#footnote-14)*

De acordo com o *Latinobarómetro*, a maioria dos sul-americanos não se sentem representados em seus parlamentos: 75% dos sul-americanos compartilham essa opinião, a exceção do Uruguai, onde 45% das pessoas entendem ser representadas no Congresso. Outra categoria de pesquisa que indica certa homogeneidade entre os sul-americanos é a percepção de que grupos poderosos fazem uso da máquina pública em benefício próprio: 77% dos sul-americanos têm essa percepção dos seus governantes. Segundo as pesquisas, 73,5% dos sul-americanos possuem pouca ou nenhuma confiança no governo. Uruguaios são os que mais confiam no governo; e brasileiros são os que menos confiam[[15]](#footnote-15).

# **5- Identidade transnacional**

Entre os sul-americanos, as identidades nacionais prevalecem sobre as identidades subnacionais e transnacionais; ou seja: ser brasileiro, argentino ou uruguaio importa mais do que ser do Rio de Janeiro, de Buenos Aires ou Montevidéu, e mais do que ser latino-americano ou sul-americano. A maioria dos sul-americanos se identifica mais com as suas nações do que suas comunidades locais de origem[[16]](#footnote-16), embora haja exceções consideráveis, sobretudo nos países andinos. No que diz respeito a identidades transnacionais, ou seja, aquelas que ultrapassam as fronteiras nacionais, a maioria das pessoas do subcontinente se identifica como latino-americano, mais do que sul-americano, caribenho ou andino[[17]](#footnote-17). A exceção é no Brasil, onde a maioria não se identifica como latino-americano (ONUKI, MOURON e URDINEZ, 2016, p. 433), tampouco como sul-americano. Sobre o tema:

[..] While citizens of all the Spanish-speaking countries in the sample expressed a degree of ‘Latin American-ness’, Brazil is an outlier, with only 4% of respondents identifying themselves in this way. To break down these results further, 79% of Brazilian respondents identified themselves as ‘Brazilian’, followed by ‘world citizen’ (13%), Latin American (4%), and South American (1%). (ONUKI, MOURON e URDINEZ, 2016, p. 49).

Em países como Argentina, Chile, Colômbia, Equador e Peru, a identidade latino-americana prevalece sobre a identidade sul-americana, na perspectiva da população. Na Colômbia, a identidade sul-americana prevalece sobre as identidades caribenha e andina, como mostra a pesquisa[[18]](#footnote-18). No Peru, ser andino é mais relevante do que ser sul-americano. Enfim, são variadas as identidades transnacionais que coexistem no tempo e no espaço, e que podem ser mais ou menos importantes na perspectiva de cada pessoa, fenômeno que está sujeito a variações ao longo do tempo. É interessante notar que poucos se consideram sul-americanos, a exceção dos colombianos, dentre os quais muitos assim se definem. As pesquisas sugerem a inexistência de um imaginário coletivo sul-americano, algo que está relacionado, dentre outros fatores, à baixa visibilidade das instituições sul-americanas no cotidiano das pessoas e à ausência de percepção dos benefícios decorrentes do processo de integração regional, conforme será analisado adiante.

# **6 - A visibilidade das instituições sul-americanas**

De acordo com o *Latinobarómetro*, apenas 53% dos sul-americanos conhecem ou já ouviram falar do MERCOSUL. Os dados são de 2015. Por comparação, esse índice era de 51% em 1995, quando o bloco ainda era recente e limitado aos membros originários, sem os Estados associados de hoje. A semelhança entre os percentuais de 1995 e de 2015 sugere que o bloco é pouco divulgado e pouco presente no cotidiano das pessoas.

Fonte: *Latinobarómetro[[19]](#footnote-19)*

Em relação à UNASUL, apenas 23,55% dos sul-americanos a conhecem, apesar de todos os países sul-americanos serem membros originários da organização.

Fonte: *Latinobarómetro[[20]](#footnote-20)*

De acordo com Thomas Risse, a visibilidade e presença das instituições regionais na vida cotidiana das pessoas é um dos elementos que contribuem para a construção de identidades transnacionais coletivas (RISSE, 2010, p. 7). De fato, é improvável que uma pessoa desenvolva qualquer identificação subjetiva e um sentimento de pertencimento a uma comunidade sem que a mesma seja visível e esteja presente no seu cotidiano. Se o MERCOSUL ou a UNASUL não oferecem benefícios claros para a maioria das pessoas, é natural que essa maioria não se identifique com a integração regional e muito menos com qualquer identidade transfronteiriça. Essa questão também está relacionada ao fato de que a maioria dos latino-americanos são pouco informados sobre assuntos de relações internacionais, conforme evidenciam as pesquisas de opinião pública[[21]](#footnote-21).

O MERCOSUL é hoje mais conhecido na Argentina, no Paraguai, no Uruguai e na Venezuela, onde mais de 70% da população conhecem o bloco. No Brasil, apenas 55% o conhecem. Em relação à UNASUL, apenas na Venezuela e no Equador mais da metade da população conhece a instituição. No Brasil, apenas uma em cada dez pessoas conhece o bloco, índice mais baixo entre os sul-americanos. Além disso, mesmo os que conhecem ou já ouviram falar desses dois blocos de integração, não necessariamente têm informação a respeito dos benefícios que os mesmos podem propiciar à sua vida pessoal, tais como a possibilidade de requerer visto de residência no país vizinho com condições facilitadas, transitar pelas fronteiras munido apenas da carteira de identidade nacional, entre outros benefícios previstos na normativa do MERCOSUL.

Fonte: *Latinobarómetro[[22]](#footnote-22)*

# **7 - Conclusões**

Percebe-se, então, que os sul-americanos são pouco informados sobre o processo de integração na América do Sul, o que, certamente, constitui um obstáculo à construção de uma comunidade imaginada na região, sobretudo ao se considerar que esse processo de *region-building* pressupõe identificação subjetiva e ânimo de pertencimento de grupo. A construção de uma suposta identidade sul-americana depende de maior visibilidade das instituições intergovernamentais no cotidiano das pessoas, de modo que a integração seja associada a benefícios na vida de cada. Não basta que existam as instituições regionais; é necessário divulgá-las, e aproximá-las das pessoas.

Nesta pesquisa, foi perguntado se existe uma comunidade imaginada de sul-americanos. À luz das informações apresentadas, é possível concluir que o processo de integração na América do Sul não está acompanhado de um imaginário coletivo entre os sul-americanos. Não se vislumbra, hoje, uma comunidade imaginada sul-americana, tal como se vislumbram, na América do Sul, outras comunidades imaginadas fundadas sobre os nacionalismos e, em menor grau, sobre o latino-americanismo. As pesquisas feitas pelo *Latinobarómetro* e pelo *The Americas and the World: Public Opinion and Foreign Policy* sugerem que, de uma forma geral, os latino-americanos se consideram membros de uma coletividade imaginada entre si, com a exceção dos brasileiros que, na maioria, não valorizam essa identidade. O mesmo não se aplica para o sul-americanismo, identidade aparentemente pouco valorizada pelos sul-americanos que, antes de se considerarem da América do Sul, tendem a valorizar seus nacionalismos e, de forma subsidiária, o latino-americanismo. Os sul-americanos se consideram mais latinos do que sul-americanos.

Embora existam as estruturas materiais no processo de integração regional – quais sejam, um conjunto de regras e instituições intergovernamentais, como o MERCOSUL e a UNASUL –, não está clara a existência das estruturas subjetivas que legitimariam – no imaginário das pessoas – aquelas estruturas materiais. Não obstante esse cenário atual, a identidade sul-americana pode ser inventada – tal como as identidades nacionais foram e, até hoje, continuam sendo construídas. Os fluxos de sul-americanos pela América do Sul são consideráveis, seja com a finalidade de imigração ou turismo. O aumento dos fluxos permite a criação de conexões transfronteiriças e redes de contato transnacionais, o que tende a estimular o conhecimento mútuo e gerar alguma interdependência entre os sul-americanos. Não é necessário abolir as fronteiras nacionais para que uma comunidade de sul-americanos seja concebida na mentalidade das pessoas.

Benedict Anderson defende que as nações são imaginadas e, uma vez imaginadas, podem ser modeladas, adaptadas e transformadas (ANDERSON, 1983, pg. 141). Por sua vez, esse raciocínio também se aplica a outros tipos de identificação coletiva, tal como o sul-americanismo aqui preconizado. O escritor ainda faz referência a outras comunidades imaginadas não-nacionais na América Latina, tais como os astecas, os maias, os toltecas e os zapotecas, dentre outras comunidades pré-colombianas cujos vínculos comunitários foram, à época, imaginados pelos seus membros (idem, p. 154). Na América do Sul, hoje, há um entrecruzamento de identidades coletivas das mais variadas ordens, dentre as quais se destacam os nacionalismos, para além de identidades transnacionais tais como o latino-americanismo e as identidades sub-regionais como a andina, caribenha e amazônica, entre outras mais locais. Essas e outras associações coletivas estão sujeitas a ressignificações ao longo do tempo, e cada uma delas tem seu ritmo próprio de desenvolvimento, embora todas elas coexistam de alguma forma.

Uma interessante visão sobre as fronteiras foi apresentada por Fábio Aristimunho Vargas, para quem, na América Latina, seria recomendável que os limites territoriais entre os países não exercessem uma função desagregadora e de “estranhamento” em relação ao outro, mas, sim, uma função de promoção do “convívio de uma comunidade imaginada, marcada pela aproximação e pelo ´entranhamento` do outro” (VARGAS, 2017, p. 44-45). Em outras palavras, Vargas defende o estímulo ao desenvolvimento das cidades-gêmeas como espaços capazes de estimular a emergência de uma nova coletividade com essência distinta das comunidades nacionais (idem, p. 54). Com base nesse raciocínio, o Acordo sobre Localidades Fronteiriças Vinculadas, firmado entre Argentina e Brasil, em 2005, e em vigor desde 2011, permite que os residentes das cidades-gêmeas – cidades de fronteira entre dois ou mais países[[23]](#footnote-23) – possam ter acesso a trabalho, ensino, atendimento médico e outros serviços públicos no país vizinho com o qual a cidade-gêmea faz fronteira[[24]](#footnote-24). Essa nova acepção das fronteiras, a que se refere Fábio Vargas, é um estímulo à construção de uma comunidade imaginada sul-americana que, embora não exista hoje, na percepção da maioria das pessoas, pode vir a ser desenvolvida daqui em diante.

Em geral, pesquisas de opinião pública permitem visualizar grupos de pessoas de uma forma distinta daquela apresentada pelos políticos e diplomatas (ONUKI, MOURON e URDINEZ, 2016, p. 454). Conforme visto, o sul-americano “médio” ou “padrão” fala espanhol; ou português, se brasileiro. Além dessas duas línguas, um considerável número de peruanos, paraguaios e bolivianos falam línguas ou dialetos locais. Os sul-americanos podem ter todos os tipos de ideologia política – da esquerda para a direita, em todos os graus; centro; ou simplesmente não sabem ou não tem orientação política. Em regra, o sul-americano não se sente representado no Congresso Nacional do seu país, e nada nos leva a crer que se sentiria representado politicamente no parlamento do MERCOSUL ou, ainda, no parlamento da UNASUL. A percepção do sul-americano médio é de que grupos poderosos fazem uso da máquina pública nacional em benefício próprio. Considerando a natureza jurídica das instituições sul-americanas, marcadas pelo intergovernamentalismo e pela primazia das soberanias nacionais, deve haver também uma percepção das pessoas de que esses mesmos grupos poderosos fazem uso de mecanismos regionais de integração em benefício próprio, o que, naturalmente, gera desconfianças ao processo de integração e obsta a construção de uma comunidade imaginada transnacional. O próprio fato de que os sul-americanos, em geral, são pouco informados sobre temas de relações internacionais também constitui um empecilho ao desenvolvimento dessa percepção de coletividade.

Em síntese, a consciência de ser sul-americano ainda é muito limitada. Essa ideia ainda é muito pouco disseminada no nosso imaginário coletivo. Mas, repito, a construção de identidades coletivas e, por extensão, de comunidades imaginadas, é um processo que pode ser estimulado. E, como todos os processos, está sujeito a avanços e recuos pontuais, estagnações e retrocessos, questionamentos e ressignificações.

# **8 - Referências bibliográficas**

ANDERSON, Benedict. Imagined Communities: Reflections on the origin and spread of nationalism. First published by Verso, 1983. Revised Edition, 2016.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE TURISMO 2016, Vol. 43. 2015. Ministério do Turismo. <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html>

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. The Social Construction of Reality. A treatise in the sociology of knowledge. Penguin Books. London, 1991.

CAVALCANTI, Flávia Guerra. As contradições da Unasul como comunidade imaginada: Estado soberano e cidadania sul-americana. In: Ingrid Sarti; Daniela Perrotta; Glauber Cardoso Carvalho; Monica Leite Lessa. (Org.). Por uma integração ampliada da América do Sul no século XXI. 1ª ed. Rio de Janeiro: Perse, 2013, v. Vol.1, p. 151-162.

DEMOGRAPHIA. World Urban Areas: Built up Urban Areas or World Agglomerations, 12th edition. 2016. <http://www.demographia.com/db-worldua.pdf>

ESTATÍSTICAS PARA O ESTUDO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS. Coord. Alessandro Warley Candeas. Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília, 2016.

LATINOBARÓMETRO. Opinião Pública Latinoamericana, 2015. Disponível em: <http://www.latinobarometro.org/latOnline.jsp>

MAALOUF, Amin. Les Identités Meurtrières. Ed. Grasset & Fasquelle, 1998.

NEUMANN, Iver B. (2003) A Region-Building Approach. In: Söderbaum F., Shaw T.M. (eds) Theories of New Regionalism. International Political Economy Series. Palgrave Macmillan, London, pp. 160-178.

ONUKI, Janina. MOURON, Fernando. URDINEZ, Francisco. Latin American Perceptions of Regional Identity and Leadership in Comparative Perspective. Revista Contexto Internacional, vol. 38, n. 1, 2016, pg. 433-465.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES - OIM, Nações Unidas. Global migration flows, 2015. <http://www.iom.int/world-migration>

RISSE, Thomas. A Community of Europeans? Transnational Identities and Public Spheres. New York: Cornell University Press, 2010.

THE AMERICAS AND THE WORLD 2010-2011: public opinion and foreign policy in brazil, colombia, ecuador, mexico, and peru. Centro de Investigación y Docencia Económicas. División de Estudios Internacionales. Guadalupe González González. Jorge A. Schiavon. david Crow. Gerardo Maldonado. México, 2011.

VARGAS, Fábio Aristimunho. Formação das fronteiras latino-americanas. Ed. FUNAG. Brasília, 2017.

VELASCO JÚNIOR, Paulo Afonso. O Mercosul social: avanços e obstáculos para uma nova dinâmica de integração regional. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro, 2013.

WENDT, Alexander. Collective Identity Formation and The International State. The American Political Science Review, Vol. 88, No. 2 (1994), pg. 384-396.

1. “The current population of South America is 427,541,246 as of Friday, April 27, 2018, based on the latest United Nations estimates”. <http://www.worldometers.info/world-population/south-america-population/> [↑](#footnote-ref-1)
2. <http://estadisticas.cepal.org/cepalstat/WEB_CEPALSTAT/Portada.asp?idioma=i> [↑](#footnote-ref-2)
3. <http://www.iom.int/world-migration> [↑](#footnote-ref-3)
4. <http://www.eltiempo.com/especiales/migracion-de-venezolanos-en-colombia-cifras-e-historias-de-vida-72946> [↑](#footnote-ref-4)
5. <https://diariocorreo.pe/noticias/migraciones/> [↑](#footnote-ref-5)
6. <http://www.iom.int/world-migration> [↑](#footnote-ref-6)
7. <http://www.iom.int/world-migration> [↑](#footnote-ref-7)
8. Anuário Estatístico de Turismo 2017 (Ministério do Turismo) – Ano Base 2016, disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html?limitstart=0> [↑](#footnote-ref-8)
9. <https://www.comexdobrasil.com/levantamento-da-anac-indica-alta-de-2164-nos-voos-diretos-da-america-latina-para-o-brasil/> [↑](#footnote-ref-9)
10. The Americas and the World 2010-2011, p. 128. Disponível em:

    <https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/CIDE%20report.pdf> [↑](#footnote-ref-10)
11. <http://estadisticas.cepal.org/cepalstat/Portada.html> [↑](#footnote-ref-11)
12. <http://www.nationsonline.org/oneworld/american_languages.htm>

    [↑](#footnote-ref-12)
13. <http://www.latinobarometro.org/lat.jsp> [↑](#footnote-ref-13)
14. <http://www.latinobarometro.org/lat.jsp> [↑](#footnote-ref-14)
15. Idem. [↑](#footnote-ref-15)
16. *The Americas and the World 2010-2011*, p. 49. [↑](#footnote-ref-16)
17. *The Americas and the World 2010-2011*, p. 127. [↑](#footnote-ref-17)
18. *The Americas and the World 2010-2011*, p. 49. [↑](#footnote-ref-18)
19. <http://www.latinobarometro.org/lat.jsp> [↑](#footnote-ref-19)
20. <http://www.latinobarometro.org/lat.jsp> [↑](#footnote-ref-20)
21. "Latin Americans on average are less informed regarding international affairs and have scarce and little knowledge of other countries and their leaders, including those that of countries that are culturally or geographically close" (The Americas and the World 2010-2011, p. 128):

    <https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/CIDE%20report.pdf> [↑](#footnote-ref-21)
22. <http://www.latinobarometro.org/lat.jsp> [↑](#footnote-ref-22)
23. São exemplos de cidades-gêmea na América do Sul, entre outras: Letícia, Colômbia e Tabatinga, Brasil; Rivera, Uruguai e Santana do Livramento, Brasil; Guayaramerín, Bolívia e Guajará-Mirim, Brasil; etc. [↑](#footnote-ref-23)
24. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8636.htm> [↑](#footnote-ref-24)